

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

**UMA REFLEXÃO SOBRE: O LUGAR DOS PAIS E DO TERAPEUTA NA CLÍNICA COM CRIANÇAS.<sup>1</sup>**  
**A REFLECTION ON: THE PLACE OF THE PARENTS AND THE THERAPIST IN THE CLINIC WITH CHILDREN.**

**Fabiéli Maciel Rodrigues<sup>2</sup>, Sandra Ester Griebeler<sup>3</sup>, Janaíne Dos Santos Palhano<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa realizado no curso de psicologia da Unijuí, sendo um ensaio teórico a cerca de pesquisa de trabalho, realizado no componentes curriculares.

<sup>2</sup> Aluna do curso de Psicologia.

<sup>3</sup> Aluna do curso de Psicologia da Unijuí.

<sup>4</sup> Aluna do curso de Psicologia.

**Título:** Uma reflexão sobre: O lugar dos Pais e do Terapeuta na Clínica com Crianças.

**Acadêmica do curso de Psicologia:** Fabiéli Maciel Rodrigues, Janaíne dos Santos Palhano, Sandra Ester Griebeler.

**Modalidade:** Ensaio Teórico.

**Evento:** Seminário de iniciação científica.

**INTRODUÇÃO:**

Este ensaio teórico é efeito de experiências acadêmicas realizadas durante a formação. Especificadamente das autoras deste ensaio, a pesquisa se deu pelo conhecimento teórico e prático, ao qual foi despertado o desejo de refletir sobre os lugares que são ocupados pelos sujeitos na clínica com crianças, assim como refletir sobre as questões que surgem em relação a isto.

No campo clínico infantil sabemos o quanto se exige do Terapeuta em relação ao lugar ao qual ele ocupa na terapia, por ser diferenciado de um acompanhamento terapêutico com adultos. Exige-se do terapeuta entrar no mundo infantil ao qual a criança se insere, e se dispor de seus saberes para assim poder prosseguir seu trabalho em análise. Assim como, os pais, aos quais são aqueles que trazem muitos vezes seus filhos, o lugar que eles ocupam na constituição psíquica das crianças é muito importante, e conseqüentemente ocuparam um lugar na terapia, este trazido pela criança.

Desta forma, o objetivo desta reflexão, é justamente refletir sobre os lugares que a família, os pais e o terapeuta, ocupam no tratamento terapêutico com crianças.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

## REFERENCIAL TEÓRICO

Percebe-se a importância que os pais exercem na relação com criança, durante seu desenvolvimento, desde seu nascimento significando sua existência. Desta forma pode-se notar que aparecem muitas das questões relacionadas a esses conflitos dos pais, nas crianças, aos quais estão se constituindo enquanto sujeitos psicologicamente, e também procurando o seu lugar no discurso familiar. Mas sabendo que devemos interpretar a criança, e não o sintoma dos pais, como se ele se repetisse na criança, percebe-se a partir disso sofrimento que remete ao contexto ao qual está inserida. Pensando a família Françoise Dolto, em seu livro *Etapas Decisiva da Infância*, refere-se que:

“Pois cada ser humano tem em si uma ideia do que é a mãe e do que é o pai, mesmo que não tenha tido um “para valer”. É uma lei psicológica, contra a qual nada podemos que existiria mesmo numa sociedade em que já não existisse em absoluto família, em que crianças fossem educadas em grupos de crianças.” (DOLTO, 1999, p.33).

O atendimento com crianças exige de deixar ainda mais o lugar de terapeuta do saber, pois é necessário que se adentre o mundo da infância, e se coloque em igualdade para com o sujeito nesse momento da terapia, para assim pode escutar o inconsciente e o sofrimento a partir do brincar, sendo este aonde se escutar o paciente. Sabemos que os filhos situam-se em relação a ambos os pais numa triangulação mãe-pai-filho que começa desde o momento da concepção da criança. Segundo Dolto (1989, p. 13), “[...] a díade é sempre uma triangulação. A mãe é, para seu filho, ‘bivocal’. Desde a vida fetal, ele percebe melhor a voz do pai falando com a mãe do que a voz desta última. E a mãe, para ele, é uma mãe ainda mais viva quando o pai conversa com ela”. Logo, o pai tem sempre um lugar marcado para o filho, mas é preciso que a mãe lhe enfatize, fale dele para o filho. Por exemplo: “Papai vai lhe dar comida, trocar sua fralda”. Quando a mãe nomeia o pai esse passa a ser o recurso afetivo da mãe, a qual, referida a ele, torna-se o recurso afetivo do filho. Todos os três são responsáveis perante os dois outros. A relação triangular de amor está dirigida para o desejo: é por vê-la pareada com um outro que o par formado pela criança com a mãe ganha sentido para sua futura sexualização consciente, desafiando o desejo do outro no amor.

Nos deparamos com crianças no atendimento terapêutico que fazem parte de relações aonde os pais vivem separados. A separação dos pais, pode sim interferir na vida social, afetiva desta criança, ainda mais quando se encontram formas de conflitos nos pais, por exemplo quando não aceitam a separação, ou quando ambos não exercem um diálogo para que o filho possa conviver com os dois, sem ter uma disputa destes em relação à criança, ou da mesma forma de impor ela em oposição a algum dos dois. Dolto (1989, p. 46) enfatiza que, para a criança,

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

[...] seria preferível que a mãe e o pai, cada qual por seu lado, tivessem sua própria vida afetiva e sexual, a fim de que a criança não fosse colocada na situação de se considerar, ao mesmo tempo, filho/filha e cônjuge da mãe e do pai, o que bloquearia sua dinâmica estrutural.

Então mesmo que os pais vivam separados, se estes mantêm um diálogo de forma adequado, ou se procuram de outra forma reconstruir suas vidas particulares casando-se, a criança pode desta forma ter o olhar de uma função ao qual não se é exercida pelo pai genitor, ou mãe genitora, mas por um terceiro.

“A criança tem necessidade de sentir que gostam que ela se torne segura de si no espaço, cada dia mais livremente, que deixam que explore, que tenha experiência pessoal e relações com pessoas da sua idade.” ( DOLTO, 1999, p. 6).

Como é relatada a criança sente a necessidade de se encontrar nas relações com o outro, pois ela se constitui a partir deste contato psiquicamente.

A autora, menciona que “a existência não é assimilável à vida. Por essa razão, uma criança pode ter lugar numa família antes de nascer.” (pg 39). Pode sofrer quando não tem o contato, ou o desejo antecipado pela vida. Durante a análise da terapia infantil, a criança vai demonstrando suas angústias no brincar e construindo trazendo o seu mundo simbólico, e realizando ressignificações através das intervenções terapêuticas. Por tratar-se de crianças percebe que a clínica infantil é de fato uma das mais importantes, ali está um sujeito que irá um dia se tornar um adulto, pois o que se vivencia na infância não fica somente ali. Por isso, é de grande importância se escutar os pais, família com que a criança reside, pois este nos possibilita ouvir que dizem á respeito desta criança podendo nos trazer um contexto ao qual ela está vivendo e então nos ajudar na terapia, pois sempre o meio de convivência ao qual ela está inserida será parte de sua constituição.

Seguindo o acompanhamento teórico, baseou-se em leituras de Julieta Jerusalinsky, (2002) *Enquanto o Futuro não vem*, aonde retrata sobre sua experiência na clínica com bebês e a importância dos primeiros anos de vida para a constituição psíquica desta criança ao decorrer da sua infância. Também Winnicott (1975) *O Brincar e a Realidade*, aonde se relatam a importância do brincar para o desenvolvimento infantil. E no livro *A família e o desenvolvimento individual* (1896), refere-se à importância da família para o desenvolvimento.

Fraçoise Dolto, em *Etapas Decisivas da Infância*, nos aprimora a pensar sobre a infância e nos relata o decorrer da estruturação, dos vínculos afetivos e sobre a família, e o que podemos observar sobre o relacionamento dos pais com a criança. E em seu livro *Quando os pais se separam* (1989), que descreve sobre esse contexto de separação conjugal dos pais, como ele se remete na criança e pode trazer sofrimentos psíquicos quando não elaborado de forma adequada pelos pais.

01 a 04 de outubro de 2018

**Evento:** XXVI Seminário de Iniciação Científica

Estar inserido na experiência de terapeuta é justamente carregar a longa importância de toda a formação acadêmica e se deparar com toda a teoria explícita em aulas, nas experiências. Mas, também é ver a nossa limitação, pois nós não carregamos o saber completo, se deparar com o sujeito é totalmente desafiante, pois é sair do nosso contexto de “achismos”, e “preposições”, para escutar o outro em sua demanda, em seu conflito.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

WINNICOTT, Donald W. (1975) **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda.

WINNICOTT, Donald W. (1896) **A família e o desenvolvimento individual**. (trad.) Marcelo Brandão Cipolla. 3ª Ed. São Paulo. 2005

JERUSALINSK, Julieta (1971) **Enquanto o futuro não vem: a psicanálise na clínica interdisciplinar com bebês**. Salvador, BA: Àgalma, 2002.

DOLTO, Françoise (1989). **Quando os pais se separam**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

DOLTO, Françoise (1999). **As etapas decisivas na infância**. (trad.) Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, (1999).